

Rubem
Braga

A. de T.

O velho era eu; o mar, o nosso; mas o peixe...

O velho era eu; o mar, o nosso; mas a novela é bem menor que a de Hemingway.

Na véspera ouvimos uma notícia espantosa: um *marlin* fôra visto na Praia Azedinha. Não contarei onde fica a Azedinha; quem sabe, sabe, quem não sabe procure no mapa; não achará, e a nossa prainha continuará como é, pequena e doce, escondida do mundo. A notícia era absurda: os *marlins* costumam passar a muitas milhas da costa, assim mesmo só quando tem iate de milionário lá, como o Sr. Raymundo Castro Maya, o Sr. Joaquim Silveira, o Sr. Betty Faria, pelo menos. Pois uma senhora o viu no razinho, junto da pedra. As senhoras vêem muita coisa no mar e no ar, que não há; mas Manuel também viu, e Manuel é pescador de seu ofício, e quando lhe mostramos a fotografia de um *marlin* disse: "Era êsse mesmo".

Não acreditamos — mas passamos a manhã inteira no barco, para um lado e outro. Fomos até a Ilha d'Âncora; de lá ainda botamos proa para leste muito tempo, até chegar à água azul, e nada. Matamos uma cavala, um bonito, dois flaminguetes, pescamos de fundo e de corrico, voltamos sem esperança, de repente vimos uma coisa preta no mar. Que monstro do mar seria? Era grande o bicho dono daquela nadadeira, talvez um enorme cação; chegamos lá, era um peixe imenso e estranho que eu nunca tinha visto, e Zé Carlos diagnosticou ser peixe-lua, com uma cabeça enorme e um corpo curto, e Manuel confirmou: "Lá fora, no Mar Novo, êles tratam de rolador". O bicho rolava sobre si mesmo, na verdade, perto da laje da Emerenciana.

Na volta eu peguei o caniço menor com linha de 9 libras, quem sabe que naquela laje perto de terra eu não matava uma enxovinha distraída? Botei o menor corocoxô de penas, passamos rente à laje do Criminoso, senti um puxão forte. Dei linha. Zé Carlos me orientava aos berros, Manuel achava que o anzol tinha é pegado na pedra, eu no fundo do meu coração achei que era o *marlin*. Não era, como vezeis. Só ficamos sabendo o que era no fim de meia hora, na primeira vez que o bicho consentiu em vir à tona: um olho-de-boi que tinha seus vinte e cinco quilos; no mínimo vinte, isso nem tem dúvida, na pior hipótese deixo por dezoito; mas sei que estou fazendo uma injustiça.

Era grande e forte; logo disparou para o fundo, eu rodava a carretilha para um lado, êle puxava a linha para o outro; no que êle cansava um pouco, eu fazia força, êle vinha vindo a contra-gôsto como um burro empacado, depois ganhava distância outra vez.

Tinha uma marca amarela na linha, parecia que lá do fundo êle estava vendo aquela marca. Quando chegava nela, e a marca ia sendo enrolada, êle disparava novamente. Meu braço esquerdo já estava doído de agüentar a iba na cortiça, o polegar da mão direita ferido, eu suava litros.

"Agora vem..." Eu sentia que êle tinha desistido no momento de se entocar numa pedra, estava mais perto da flor d'água, porém longe. "Está velando", dizia o Manuel; mas afundava outra vez, eu travava a linha quase tôda, baixava o caniço para folgar um instante, puxava, êle ganhava mais cinco, dez braças para o fundo. Duas vêzes Manuel chegou a pegar o bicheiro para fincar no animal, que sumia outra vez. Meu polegar estava em carne viva, eu tinha de pegar a manivela com os outros dedos contra a palma da mão; dava vontade de desistir, mais de uma hora e quinze de briga, meu braço tenso tremia, eu tinha de passar a mão na testa para afastar o suor que escorria para os olhos, estava praticamente exausto de músculos e de nervos, tive de apelar para o caráter — eu não podia ter menos caráter que aquêles miseráveis olho-de-boi que no Nordeste êles tratam de arabaiana!

Determinei que êle não havia de me partir a linha; aproveitava a mínima folga para puxá-lo. De uma vez que veio à tona êle entendeu de se meter debaixo do barco; agora êle surge à pópa, dá uma súbita guinada para boreste, volta... Estou de pé, o cabo do caniço fincado na barriga, suando, fazendo força, Manuel ergue o bicheiro...

Acabou a novela: Zé Carlos fizera a hélice rodar, o arabaiana viu tudo, deu uma volta a ré, afundou, voltou, andou em roda, a hélice pegou a linha e partiu, adeus, olho-de-boi, meu recorde internacional de linha de 9 libras, para sempre adeus! Ficaste por êsse mar de Deus com meu corocoxô de penas, meu anzol, uma quina amarela e umas braças de linha, adeus!